

**MEGA
MÁQUINA
URBANA**

MEGAMÁQUINA URBANA

Para que a cidade? Percebe-se o movimento da cidade como uma complexidade de multiplicidades que estão lidando com estruturas de poder, se relacionando, se afetando, sendo afetadas, se envelopando, em uma terra governada e estratificada pela lógica esquizofrenizante do capitalismo, que segmenta dentro de um processo de unidade e homogeneização, não potencializando as multiplicidades. Opera-se na e a cidade, de modo a agenciar ações performáticas que desloquem os modos homogeneizantes, e nessa fissura, possibilita-se a instauração de novas singularizações nos meios urbanos.

Como mote articula-se com as forças políticas, econômicas e sociais que reverberam na presentidade da execução das ações, negociando com um circuito de imagens que perpassa um “consciente coletivo”. De modo a utilizar dessas imagens que chegam, em escalas de difusão exorbitante, arquitetizando uma espécie de semiotização generalizada, e modula-las, deslocá-las numa operação que possa trazer mais que uma nova imagem, um movimento das imagens, sublevando os

segmentos de força que compõem essas grades, que as difundem e sustentam-nas. Opera-se pelo que Deleuze e Guattari (1992) conceituam como “imagem do pensamento”, a imagem enquanto ato de pensamento, orientada no pensamento, que atravessa e é atravessada, que é anterior ao concreto. De maneira que as ações realizadas no modos **PRO-PAGANDO** se movem nas brechas e fracassos das construções homogeneizantes, destacando as forças que governam os corpos, o mundo, as verdades, e por consequência a vida.

As ações **PRO-PAGANDO** se realizam em um modos que busca agir nas grades de valores de verdades, que compõe em sua fusão de forças as grades de hábitos da cidade. Por meio dessa micropolítica da existência, desloca-se forças da macropolítica, não com pretensão de gerar uma nova verdade mais sólida, mas abrir superfície, trazendo os segmentos que a compõem para problematizar algumas estruturas de valores de verdade do momento presente em que as ações acontecem. Não oferecer uma verdade, mas problematizar as verdades que nos habitam.

Explora-se o transito da cidade e apropria-se de sua condição para realizar atos performáticos, como é o caso das proposições: **PRO-PAGANDO N°1** e **PRO-**

PAGANDO Nº2, que utilizam das vias asfálticas como contexto de atualização. Em **PRO-PAGANDO Nº1** utiliza-se do corpo como um outdoor, como um “pixo” móvel, que divulga mensagens aberrantes. Por meio de uma placa de papelão, a qual acopla-se a mochila, com algum jogo de palavra, que possa gerar alguma fricção ambígua no contexto político da cidade, saindo em deslocamentos em ressonância no meio urbano. Nessas ações, interessa-se por causar ambiguidades interpretativas nos jogos de palavras, como alguns já realizados, com os dizeres: **SEM TEMER, PARABÉNS GENTILEZA** ou **POVO DAS ARTES**. No trânsito diário com essas placas, gera-se um processo exaustivo da ação em alguns transeuntes específicos que tem uma rotina que coincide com a do performer, o que gera uma exaustão visual da ação. Operação que apropria-se dos modos propagandistas utilizados na lógica esquizofrenizante do capitalismo.

Também em **PRO-PAGANDO Nº2**, performance que se apropria da prática nômade moderna, utiliza-se do espaço-tempo que os semáforos criam no trânsito, que dentro das operações cotidianas da cidade é des-reterritorializado como local de venda do ambulante,

da esmola, do compartilhar de práticas artísticas. Utiliza-se dessa operação que gera um palco precário, que de ciclo em ciclo renova sua plateia, e que têm sua distribuição pelas cidades, na tentativa de controlar esses grandes conglomerados de veículos. As individuações que operam nesses semáforos carregam em seus corpos sua operação, instalando ali uma nova territorialidade, uma Nova Terra, terra móvel, pois, em suas práticas, seus corpos conduzem essas des-reterritorializações nessas “temporalidades precárias”, criando assim vazões, fissuras, nos fracassos dessas estruturas. Durante as ações de **PRO-PAGANDO Nº2**, incorpora-se algumas operações recorrentes nas práticas de semáforo, as dobrando ao ponto de causarem uma inversão em suas singularidades.

Trecho de escrito pessoal do artista: “me posiciono abaixo do sinaleiro, erguendo uma placa com as inscrições “todo corpo é um artista / tornai o segredo produtivo”. Após alguns segundos vou em direção dos automóveis e distribuo cédulas de dinheiro antigas que apresentam um carimbo com o mesmo texto utilizado na placa. ” Opera-se nessa relação direta com a cédula de dinheiro e todos esses deslocamentos mutantes de valor que se dão no contexto operacional da performance,

dentro da lógica capitalista que “confunde” os preceitos de preço e valor, no tensionamento de gerar uma ressonância que atravessa diretamente as segmentaridades molares difundidas nos modos da economia capitalista, deslocando as representações solidificadas.

As frases desdobradas nas ações realizadas nas proposições **PRO-PAGANDO**, operam por jogos de palavras e aforismos breves que deslocam a própria mola do sentido que mantém um entendimento dialético da linguagem, deixando uma margem de abertura de sentido que o próprio atravessado pela ação terá de construir.

As operações realizadas nesses objetos cotidianos apresentam potencial de produzir fissuras nessas estruturas e nas verdades molarizadas, como no caso da ação **PRO-PAGANDO N°2**, que problematiza uma verdade de valor que, dentro dos discursos do capitalismo esquizofrenizante, se imbricam a uma noção idealizada de preço, que atravessa diretamente todo um modos de existência e de construção. Agir nessas arquiteturações das valorizações econômicas, por meio de objetos repletos de atravessamentos históricos— como nos casos das cédulas de dinheiro de um passado recente, utilizados em **PRO-PAGANDO N°2** — traz uma

memória social imbricada nos corpos e fatos históricos representados nas cédulas, trazendo à superfície processos de (des)valorizações de alguns fatos e discursos que compõem com uma estruturação macropolítica, que pelo distanciamento histórico, possibilitam uma outra construção de valor dessas representações as singularidades atravessadas pela ação. Um movimento de aproximação e distanciamento dessas relações pelo próprio fator das cédulas utilizadas na ação ainda terem um valor comercial e histórico, e a contextualização delas dentro da ação — que distribui esses objetos de valor aos transeuntes e interfere no valor comercial do objeto pela interferência a carimbo — traz grades de forças que perpassam a valorização histórica e comercial imbricada nas cédulas.